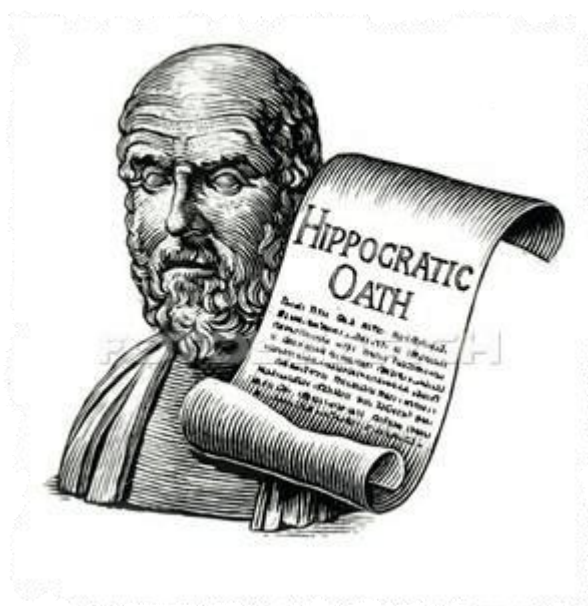


MEDICINA HIPOCRÁTICA – DA SUPERSTIÇÃO À RAZÃO

Guilherme Travassos Sarinho
Acadêmico Titular da APMED - Cadeira nº. 18

Pois um médico é homem que vale por muitos, quando se trata de retirar setas e aplicar fármacos apaziguadores.

Canto XI da Odisseia – Homero (Século VIII a.C.) - poeta épico grego.



Hipócrates de Cós – fundador da Medicina Ocidental

O Homo sapiens, desde a sua vivência em cavernas, e depois em bandos, formando sociedades de caçadores-coletores nômades no Período Paleolítico, até a sua mudança de vida no Neolítico, quando passou a se fixar às margens dos grandes rios, formando cidades, foi evoluindo em seu *modus vivendi* até chegar aos dias atuais e, durante todo esse tempo evolutivo, se preocupou em cuidar das doenças e ferimentos, seja por necessidade, solidariedade ou altruísmo. Desse modo, há milênios nascia uma medicina primitiva. A arte de curar surgiu do instinto e da necessidade, em vez do aprendizado ou da experiência, e percorreu um longo, tortuoso e sofrido caminho milenar desde a sua origem à medicina da atualidade.

Destarte, a arte de curar é mais antiga do que a história, a escrita, a filosofia e a ciência. A preocupação do homem, desde os primórdios da civilização, sempre foi a conservação da

saúde e da vida, assim sendo, a medicina desde o início não nasceu como ciência, contudo, como um ato benévolo, misericordioso, fraterno e nobre. Essa tarefa rudimentar de curar, ao longo dos milênios, desde a pré-história, chegando às civilizações que se fixavam às margens dos grandes rios, como o Eufrates e o Tigre, na Mesopotâmia, o Rio Nilo, no Egito Antigo, o Vale do Rio Indo no noroeste do subcontinente indiano, e às civilizações que floresceram no continente europeu ou americano, todas tinham em comum o “médico tribal”, a credence e a religião. Essa tríade formava o cerne da medicina numa sociedade ancestral, primitiva e pouco adiantada. O médico de um passado distante ou clínico de antanho podia ser um xamã, curandeiro, mago, pitonisa, feiticeiro, bruxo, sacerdotisa ou, mesmo, um curioso com mais sapiência no assunto. Doença era mais das vezes castigo dos deuses por culpa da conduta ruim do indivíduo doente ou era descaso deste com os deuses, e a cura ou não da doença só dependia dos deuses e do merecimento da pessoa enferma. Portanto, ter saúde ou doença resultava do relacionamento da pessoa com os deuses.

Nas sociedades remotas que surgiram antes da civilização da Grécia Antiga, já havia médicos e medicina, embora esta fosse rudimentar, tosca e singela, como eu descrevo em meu livro “A Misteriosa Medicina das Antigas Civilizações”, lançado em 2017 pela Editora Imprell e, mostro ainda, que essa medicina embrionária era eivada de mistérios e magias e atrelada à religião de cada povo e aos seus deuses. Os tratamentos e curas tinham por base orações, banhos medicinais, a utilização de plantas e de minerais, e sacrifícios de animais. Havia, até mesmo, uma mistura de culto com dádivas, presentes e oferendas compatíveis com cada doença, mesclada a uma arte médica incipiente, pois era, ainda, uma medicina mítica e mística. Por exemplo, em culturas como a da Mesopotâmia, havia três tipos de “médicos” que saíam da mesma escola: os barû que eram os médicos-adevinhos, os ashipu ou aşipu, que eram os médicos-exorcistas e os asû, que eram os que mais se assemelhavam aos nossos clínicos, uma vez que usavam a razão, a observação e a evolução prática do dia a dia, portanto, uma arte médica em seu nascedouro. Muitas vezes, na dúvida, o doente recorria aos três.

Mesmo na Grécia Antiga, a qual foi o berço da civilização Ocidental, antes do início da Escola Hipocrática, cultuava-se Asclépio (o Esculápio dos romanos), o deus da medicina e da cura, que também era associado ao rejuvenescimento e ao bem-estar. E foi nos templos ou santuários dedicados a esse deus que funcionaram os primeiros hospitais do mundo. Esses templos estavam espalhados por toda a Grécia, como os de Lebena, Tricca, Cós e Pérgamo,

sendo que, o de Epidauro (fundado no Século VI a.C.) conhecido também como Asclepeion (Ἀσκληπιεῖον – Asklepion), era o mais notável, pois além de ter a estátua de Asclépio em tamanho real, era cultuado como o local de cura mais importante do mundo antigo da época. Asclépio que era filho do deus Apolo com a mortal Corónis da Tessália era, deste modo, um semideus. Cultuavam-se também os filhos de Asclépio com Epione, deusa do calmante da dor (cujo nome em grego significa suave), Podalírio e Machaon, que eram guerreiros e deuses da cirurgia, protetores dos cirurgiões e dos médicos em geral e, como médicos, atuaram na Guerra de Troia, conforme narra Homero no poema épico A Ilíada. Havia ainda as filhas, Panaceia, deusa da cura de todos os males, e Higeia, deusa da preservação da saúde, e mais três filhas e um filho, todos voltados para a cura das doenças. Indícios epigráficos mostram que a deusa Epione era cultuada nos templos de Cós, Pérgamo, Epidauro e Atenas. Conquanto fosse civilização de uma época pré-hipocrática e já fosse cientificamente pré-racional, era ainda, entretanto, uma cultura em que se apelava aos deuses da cura, uma mistura de credices e cultos às divindades e uma medicina em seu nascedouro. Não sabendo as causas das doenças, achavam que ocorriam por vontade dos deuses e por culpa dos doentes, portanto, as doenças eram “punições divinas”, e a cura era um “presente dos deuses”.

No final do Século V e início do VI, surgiram na Grécia Antiga duas escolas médicas: a de Cnido, que era mais tradicional, e a de Cós, que era mais aberta às novas ideias, porém ambas evoluíram e trouxeram mudanças na maneira de se praticar a arte médica com uma medicina mais compreensiva. Quem muito contribuiu para mudar este *status quo* foi Hipócrates de Cós (em grego clássico: Ἱπποκράτης, pronúncia Ippokrátis - 460-370 a.C.), que criou uma escola médica fora dos padrões de então, rompendo, desse modo, com o paradigma do seu tempo. O avô, de quem recebera o nome, se chamava Hipócrates I e o pai Heráclides, ambos foram médicos asclepiades da Ilha de Cós e, entre seus assistentes e auxiliares, estavam os filhos de Hipócrates, Tessalo e Dracon.

O aprendizado da medicina grega (pelo menos no começo) se dava geralmente na mesma família, era consanguíneo, de linhagem masculina e de formação teórica, pois a prática clínica era itinerante e se fazia visitando vários e diferentes lugares, porque só assim se podia ter o aprendizado de diversas doenças, novos medicamentos, e o futuro médico podia escolher o lugar para se fixar profissionalmente. Era, desse modo, um conjunto de conhecimentos e habilidades profissionais que eram transmitidos geração a geração como uma arte ou ofício,

chamada de “techné”, que não se resumia só ao conhecimento teórico e universal (episteme), mas também à prática, visando à cura de doenças. Assim sendo, através do ensino prático, era aprendido, ao mesmo tempo, teoria e experiência. Era um “technikós” quem possuía esses conhecimentos e a capacidade de aplicar os métodos de cura fazendo o que hoje conhecemos por diagnóstico, prognóstico e tratamento, embora naquele tempo o vocábulo grego para médico era *iatrós*, um termo antigo já citado na *Ilíada* e na coleção *Corpus Hippocraticum*. *Iatrós* em grego significa “aquele que cura”, ou seja, médico, daí derivam os termos pediatria (onde *paidos* é criança e *iatreia*, arte de cura), geriatria (*gero* é envelhecimento), psiquiatria (*psykhē* é mente) e iatrogenia (*genesis* é origem), usados hoje. Atualmente, na medicina contemporânea, o termo iatrogenia se refere a doenças ou efeitos colaterais danosos causados pelo médico, ou tratamento médico, que tanto pode ser clínico como cirúrgico.

E foi mudando esses padrões e esses costumes, com um pensamento criativo e inovador, que Hipócrates passou de uma consciência atrelada à religião para uma percepção mais naturalista, alterando em definitivo com o que se ensinava até então. Ele recebeu a influência da filosofia jônica fundada por aquele que é considerado o primeiro filósofo ocidental, Tales de Mileto, que procurava a origem das coisas tendo por base os quatro elementos da natureza: ar, água, terra e fogo como componentes primordiais, sendo, portanto, um pensamento mais lógico e racional. Hipócrates, assim, buscou explicações naturais para as doenças e curas, através da observação imparcial dos fatos e considerava saúde e doença como formas de harmonia ou desarmonia orgânicas. Ele viveu no período da Grécia Clássica que ocorreu no século V a.C., época de uma intelectualidade áurea, numa cidade que estava à frente do seu tempo e que ensinava ao mundo da ocasião, como usar a razão e como cultivar o belo e a harmonia em termos de arquitetura, de filosofia, de política e de uma medicina com um novo pensar. Hipócrates conviveu com a nata da intelectualidade do seu tempo, como Sócrates, Platão, Heródoto, Empédocles, Demócrito, Tucídides, Fídias, Polignoto e Péricles.

Hipócrates inventou um novo modo de observar o organismo humano, inclusive as características psicológicas, ao criar a teoria dos quatro humores (sangue, fleuma ou pituíta, bile amarela e bile negra) e dos quatro princípios (calor, frio, seco e úmido). A medicina hipocrática tinha por base a abordagem do corpo humano e seus fenômenos, os princípios ligados à complexidade e ao equilíbrio de seus componentes entre si e em relação à natureza em que estava inserida a pessoa. Dependendo da quantidade dos humores no corpo, estepoderia

estar saudável, em equilíbrio (eucrasia) ou doente, em desequilíbrio (discrasia). Como uma resposta ao excesso, o corpo tentava se equilibrar e eliminar espontaneamente o abuso. Um exemplo disso seria a febre, uma causa direta da tentativa do corpo de eliminar os humores excessivos.

Com a medicina hipocrática, surgia uma medicina incipiente, dotada de racionalidade, observação e descrição clínica das enfermidades e, assim, se criava um método analítico que visava compreender as doenças e se chegar a um diagnóstico, prognóstico e tratamento, buscando saber as causas do desequilíbrio e os efeitos do tratamento de uma maneira racional, científica, praticando uma medicina ética e lógica, não livre ainda inteiramente das crendices e asneiras de então. Embora a medicina hipocrática com as suas teorias pareça e seja anacrônica conforme os nossos conhecimentos atuais e a visão científica dos nossos dias, foi um divisor de águas de grande importância para aquela época em que se praticava uma medicina sem caráter científico e cheia de superstições e religiosidade. Nascia com Hipócrates uma medicina com menos fantasias e crendices, mais lógica, coerente e mais científica, separando em parte a arte de curar, da magia e da superstição.

Não é à toa que ele é considerado o médico mais importante da Escola Médica de Cós, como atestam os escritos de Platão e Aristóteles. Influenciou por séculos a medicina ocidental, não só com uma nova visão médica da saúde e da doença, porém, deu credibilidade e profissionalismo à arte médica e fez mais: legou aos médicos vindouros um atendimento digno e ético. Se a filosofia padronizou a ética, Hipócrates a criou através da medicina e, ainda hoje, as Escolas Médicas pelo mundo afora se baseiam naqueles princípios éticos e morais. Além de idealizar um novo paradigma na medicina rompendo com um passado de ilusão religiosa e visão delirante que por muitos séculos fez muito mal e estagnou a arte de curar, Hipócrates de Cós a demudou e transformou em profissão nobre e ética, nos deixando o juramento hipocrático, um código de ética e uma coletânea de cerca de 60 tratados intitulado “Corpus Hippocraticum”, composto por numerosas diretrizes, dentre as quais temos: O Médico; A Arte; Preceitos; Beneficência; Tratado da Natureza e do Homem; Regime das Pessoas com Saúde; Prognóstico; Crise e Dias Críticos; Tratado das Luxações; Tratado dos Ares, das Águas e dos Lugares; Aforismos e o famoso Juramento.

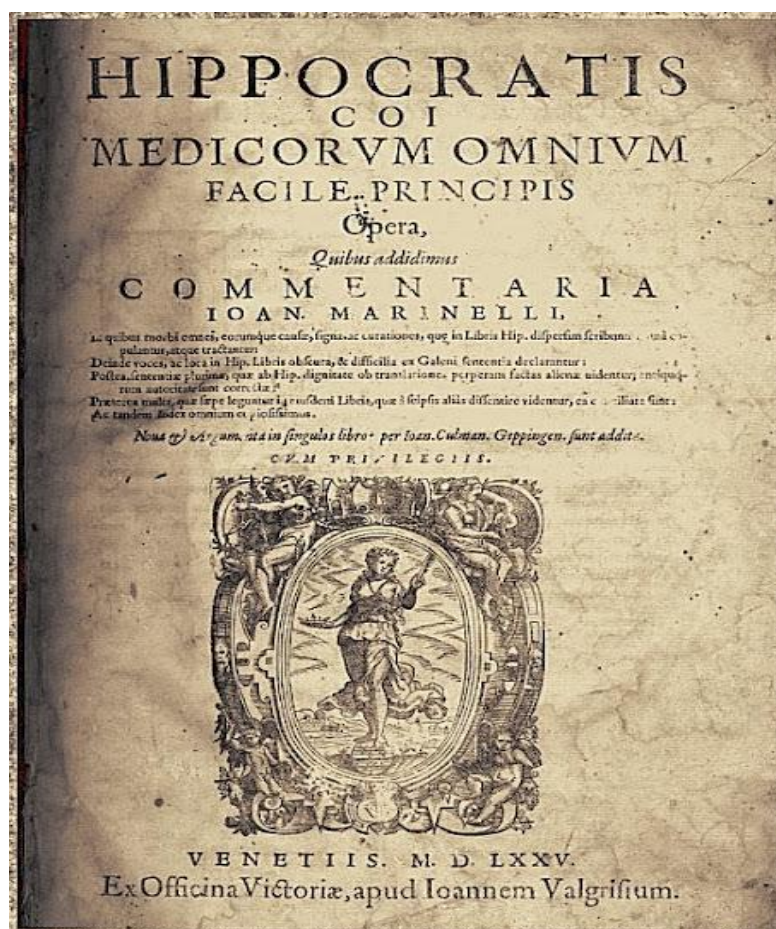
Em seus princípios e aforismos, há quase 2.500 anos passados, Hipócrates já ensinava: *“Quando os pulmões tocam nas costelas e há tosse, o paciente sente dores no tórax e ouve-se*

um som semelhante à fricção de duas peças de couro”, essa era a descrição de uma pleurite feita só com a ausculta pulmonar auditiva e, *“do cérebro, e apenas do cérebro, surgem os nossos prazeres e alegrias, bem como as nossas tristezas, dores, aflições e lágrimas. É o cérebro que nos torna loucos ou delirantes, nos influencia com terror e medo, traz a insônia e a ansiedade indevida*”. E também: *“A arte envolve três coisas: a doença, o doente e o médico. O médico é o servo da arte. Os doentes devem juntar-se ao médico no combate à doença*”; agora um aforismo famoso em latim: *“Vita brevis, ars longa, occasio praeceps, experimentum periculosum, iudicium difficile*” (A vida é curta, a arte é longa, a oportunidade é passageira, a experiência é enganosa, e o julgamento é difícil) e o mesmo princípio que nós hoje usamos: *“Nas doenças, crie o hábito de ajudar e não prejudicar*”.

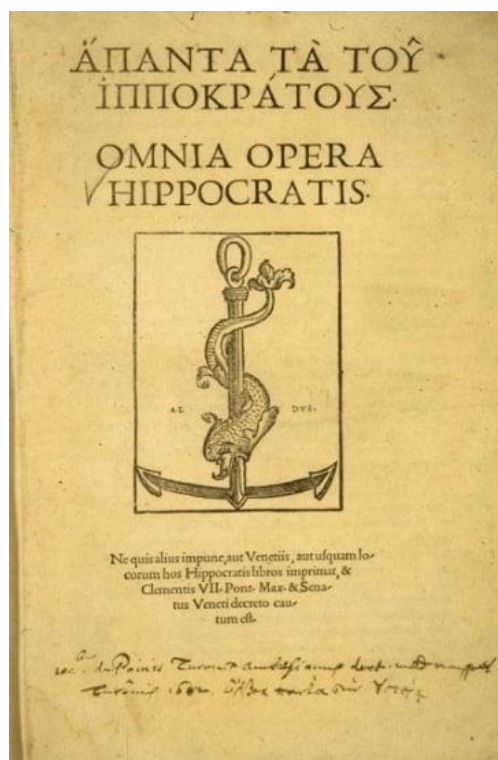
Embora pela nossa atual visão os iatrós hipocráticos (que passaram a ser conhecidos como *klinikós* no Século II d.C.) aplicassem umas condutas não científicas constituíram o hábito de examinar o paciente, anotar os sintomas e achados físicos, realizar os prognósticos baseados na experiência, e tratar os doentes por escolha dos princípios naturais nos quais tinham prioridade os de origem vegetal. A visão de Hipócrates sobre as funções orgânicas em equilíbrio e a relação do corpo humano com a natureza foi uma inovação para a época ao declarar que, para a pessoa ter saúde, é preciso eliminar os excessos e viver em harmonia com a natureza respirando ar puro, tomando água limpa (isso, milhares de anos antes da microbiologia), tendo uma dieta frugal e moderada (numa era longínqua de nutrólogos e nutricionistas), fazendo exercícios brandos (uma distante visão dos profissionais de educação física), tendo uma vida tranquila (muitos séculos antes do surgimento da psicanálise e da terapia de ação plena), pais sadios e avós longevos (e aqui ele fala de genética milhares de anos antes da descoberta dos genes), demonstrava assim que, além de se ter uma vida saudável e comedida, havia ainda a herança familiar a influenciar no binômio saúde/doença.

Hipócrates usava sangrias, prescrevia banhos, massagens, caminhadas, bebidas de cevada, vinho e hidromel, no intuito de aliviar a dor e trazer o reequilíbrio ao organismo com o objetivo de que a cura ocorresse naturalmente. Servindo de modelo de atuação e conduta médicas por mais de dois mil anos até o Século XVIII, a medicina hipocrática influenciou a medicina do Ocidente. E foi graças ao procedimento do exame clínico de Hipócrates, um método indutivo e analítico, que surgiu a medicina como ciência como a conhecemos hoje. Pelo novo paradigma criado e toda inovação que deixou à arte médica, Hipócrates é reconhecido ao

longo dos séculos pelos médicos ocidentais como “O Pai da Medicina”. E, para terminar o artigo, o famoso aforisma de Hipócrates: “*Sedare dolorem opus divinum est*”, isto é, aliviar a dor é uma obra divina. A finalidade precípua da medicina sempre foi curar ou aliviar as dores físicas, ou psíquicas da humanidade. É o que procuramos fazer até hoje.



Frontispício da edição veneziana de 1575 do Corpus Hippocraticum



Frontispício da Editio Princeps da coleção hipocrática, publicada por Aldus Manutius. Veneza - 1526.

U.S. National Library of Medicine



Médico no “iatreion” (consultório)
 Aríbalo ático de figuras vermelhas – 480-470 a.C.
 Museu do Louvre – Paris – França

Referências

GOTTSCHALL, Carlos Antonio Mascia – **Medicina hipocrática: antes, durante e depois** – 1ª. Edição – páginas 31 a 52 – C.R.M. – RS – Porto Alegre – RS – 2007.

2003. <https://www.scielo.br/j/ss/> - acesso à internet em 08 de fevereiro de 2025.

NETO, Gerald. **A medicina grega antes de Hipócrates - Hipócrates: a medicina grega do mito à razão** – Blog Xarope de Letrinhas – História da Medicina & História Cultural - 13/01/2013 - <https://xaropedeletrinhas.com.br/hipocrates-a-medicina-grega-do-mito-a-razao/>. Acesso em junho de 2024.

NETO, Hélio Angotti. **A Medicina Antiga e a percepção do corpo em Hipócrates** - <https://dialnet.unirioja.es/>. Acesso em 12 de maio de 2025.

PASSOS, José Davi. A filosofia como Cura da Alma – A formação ética como terapia na atividade filosófica antiga — Paco Editorial – Jundiaí – SP – 2018.

REBOLLO, Regina Andrés. Considerações sobre o Estabelecimento da Medicina no Tratado Hipocrático sobre a Arte Médica - Scientiae Studia - **Revista Virtual - Volume 1, Número 3** - Associação Filosófica Scientiæ Studia - São Paulo - SP –

The Figure of the Doctor and his Clinical Method - Ancient and modern medicine — Text 3 - <https://medium.com/@brenoserson/hippocrates-knowing-caring-loving> - Acesso em 20 de julho de 2025.